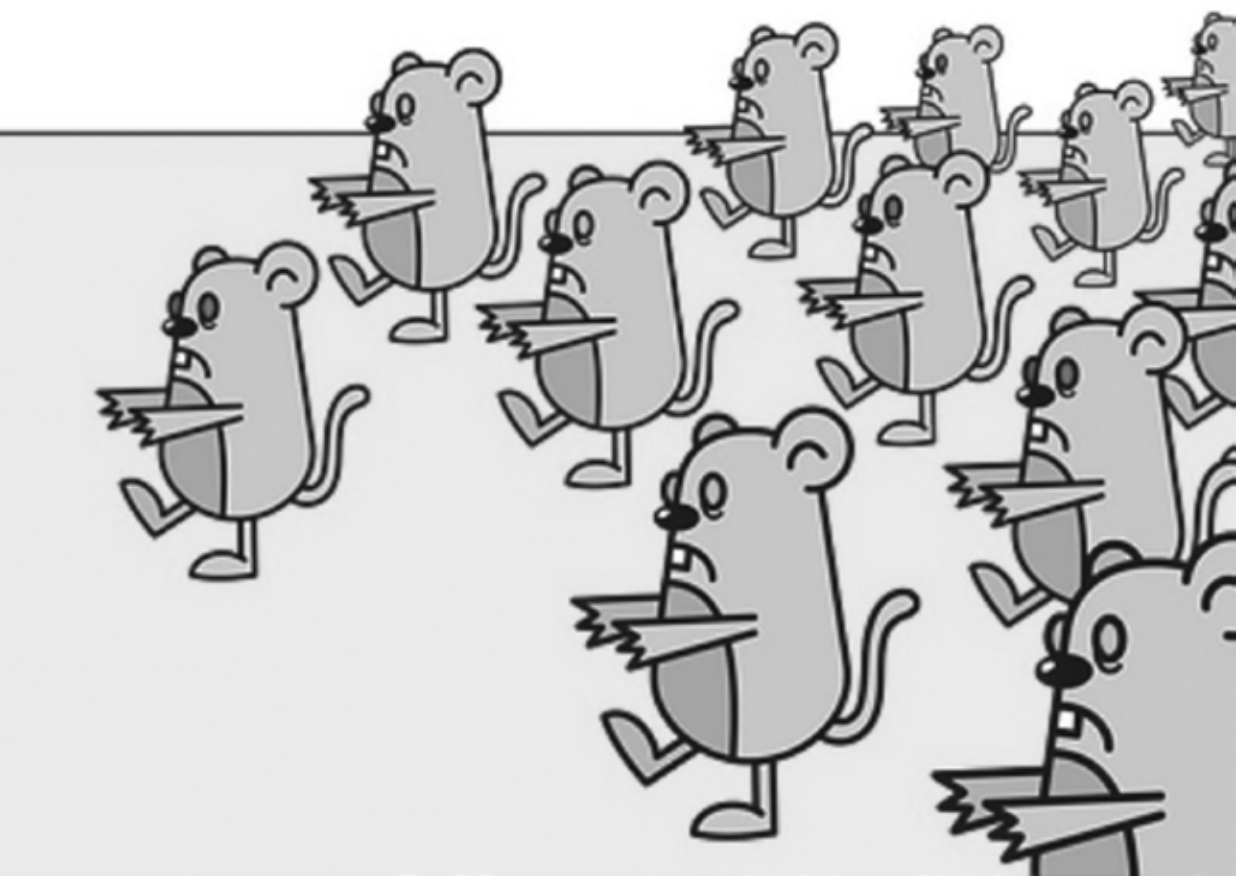
Cultura!



O QUE É IDEOLOGIA?

Quando se dispõem a combater uma ideologia, não estão defendendo outra? É possível ser realmente neutro no convívio social?

Pág. C4

Lá vai o Maduro
Entre Chávez e Chaves, uma dona Florinda
Pág. C2

Errata!
Atendendo a pedidos, o Michel Temer não foi esquecido
Pág. C2

Elas, sempre elas
As mulheres serão protagonistas, independente das cores que usem
Pág. C3

Um pouco de

Cada arte...

O. A.
SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

LÁ FOI O CHÁVEZ, CHÁVEZ, CHÁVEZ... (E PARECE QUE O MADURO VAI TAMBÉM)

— Ficou sabendo do Chávez?

— Que que tem?

— É que ele...

— Tá, já sei: o Silvio Santos mudou ele de horário de novo.

— Não. Ele...

— Ele quem? O Silvio?

— Não, o Chávez!

— Que tem ele?

— É isso que eu tô tentando falar!

— Então para de enrolar e fala logo!

Uma pausa, com olhar de incredulidade e indignação.

— O Chávez morreu!

— Não!

— Sim.

— Não!!

— Sim, estou dizendo.

— Não!!! Três vezes não!

Outra pausa; o mesmo olhar.

— Que bom, você sabe contar... Mas por que o espanto e essa aparente tristeza?

— Pô, eu sabia que ele não gravava mais fazia tempo, que estava com a saúde debilitada, mas só de ele estar vivo já era uma alegria, sabe...

— "Gravava"? Ele até apareceu na tevê em dezembro de 2012, mas...

— É, eu sei. Naquele especial que lhe fizeram uma homenagem. Ele já estava bem fraquinho... Passou até no Ratinho.

— O Chávez?

— É, não é?

— Estou falando do Hugo!

— Não é do Roberto?

— Que Roberto?

— O Bolaños.

— "Bolaños"? Não, não, nadavê.

— Não é aquele que o Kiko vive mandando calar a boca?

— Não, quem mandou ele calar a boca foi o rei da Espanha.

— E desde quando o Kiko é "rei da Espanha"?

— Ai, meu Deus... Estou falando do Hugo Chávez, presidente da Venezuela!

— Por que você não explicou desde o começo?...

— Você que...

— Eu nada, nem vem. Você sabia que ele era chamado de "Chespirito"?

— O Chávez?

— Não, o Bolaños.

— Por quê?

— Chespirito é uma forma castelhanizada de "Shakespeare". Eles o consideravam "um pequeno Shakespeare".

— Interessante, mas nadavê. Quem morreu foi o Hugo Chávez, aquele maluco que achava que era Deus e sentia cheiro de enxofre em tudo o que era dos Estados Unidos. Até que o câncer ensinou a ele o contrário. Bem lentamente.

> **"Pô, eu sabia que ele não gravava mais fazia tempo, que estava com a saúde debilitada, mas só de ele estar vivo já era uma alegria, sabe..."**

— Credo.

— Mas acho que ele aprendeu a lição. De forma bem definitiva. E foi tarde.

— Tudo bem, mas... E o Bolaños?

— Quem?

— O Chespirito!

— Não, esse tá tudo bem.

— Ufa.

— Quer dizer, deve estar bem lá onde se encontra desde 2014.

— Que que tem 2014?

— O Chaves morreu.

— Mas ele não morreu em 2013?

— Não, esse era o Chávez.

— E o outro?

— Chaves.

— E qual a diferença entre eles, afinal?

— Uma dona Florinda.

Depois da ditadura. Presidentes da República (na ordem cronológica, da esquerda para a direita):
1. José Sarney
2. Fernando Collor
3. Itamar Franco
4. Fernando Henrique Cardoso
5. Luiz Inácio Lula da Silva
6. Dilma Rousseff
7. Michel Temer
8. Jair Bolsonaro

ERRATA!

Atendendo aos veementes pedidos constantes de inúmeras cartas manuscritas que recebemos de uma região específica da Romênia e reconhecendo o erro da edição n.º 38 do *Cultura!* (02/02/2019, pág. C3, texto *Ordem e progresso: baixa as 'carça' e faz sucesso!*, do Zé Renato), vimos nesta edição (imediatamente posterior àquela) fazer os devidos reparos na ilustração do referido texto. Agora, como se pode observar na montagem à esquerda, o Michel Temer não foi esquecido e proporciona uma distância de segurança entre Dilma (a Rousseff) e Jair (o Bolsonaro). Não há escusa para tê-lo olvidado: o Itamar Franco também era só vice e assumiu a Presidência após impeachment do titular do cargo. Talvez seja por causa daquele clamor das ruas, dos lares brasileiros, das redes sociais, dos discursos democráticos por todo o globo que dizia: "Fora, Temer!" Aí acabou convencendo o inconsciente.

Palavra

"Não reconhecemos os momentos realmente importantes da vida até ser demasiado tarde."

AGATHA CHRISTIE
NASCIDA EM TORQUAY, INGLATERRA, EM 1890, A AUTORA DE "OS TREZE ENIGMAS", "ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE" E "A MALDIÇÃO DO ESPELHO", DENTRE OUTROS, MORREU EM WALLINGFORD, INGLATERRA, EM 1976.

Agatha Christie

Cultura! é uma publicação do jornal O *Extra.net*, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: **O. A. SECATTO**
COLABORADORES: **GIL PIVA**, **JOÃO LEONEL**, **ZÉ RENATO** E **JACQUELINE PAGGIORO**
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**

Crônica

"Não é uma 'goiabeira' qualquer que vai impor que devemos vestir rosa e sermos princesas. Usaremos todas as paletas de cores do universo e seremos o que quisermos ser!"

AGORA É QUE SÃO ELAS

JACQUELINE PAGGIORO

Anterior ao que convencionalmente denominamos civilização, as sociedades primitivas se organizavam em comunidades denominadas *gens*. Estruturadas pelo matriarcado, as comunidades gentílicas desconheciam a propriedade privada — terras, objetos e tudo o que era produzido pertencia ao grupo, eram uma extensão de cada indivíduo, pois seu valor era utilitário e não econômico. Normalmente os dirigentes ou comandantes eram escolhidos pelos adultos — homens e mulheres — para desempenhar seu papel de liderança em função do grupo.

A evolução dos processos produtivos engendra a divisão social do trabalho e, consequentemente, alteram-se as relações sociais. As primitivas comunidades, em determinados tempos e contextos, também se modificam.

As afirmações acima, embora sintéticas, não foram retiradas de postagens em redes sociais ou mesmo da Wikipédia, são embasadas em leitura e estudo, principalmente da obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Friedrich Engels, de 1884. Este tratado, por sua vez, baseou-se em notas de Karl Marx sobre estudos do antropólogo americano Lewis H. Morgan. Numa época em temos doutorados formados pelas redes sociais, sou do tempo que para defender — ou refutar — uma ideia precisávamos recorrer às ciências, ao estudo e à leitura dos clássicos.

O longo percurso da história da humanidade demonstra que, em diversas culturas, o poder de participação e de decisão nem sempre foi prerrogativa dos homens. Na civilização ocidental, principalmente pela difusão da cultura greco-romana e pela influência decisiva da religião judaico-cristã, impingiu-se às mulheres um secular papel de submissão.

Este papel secundário, ao que parece, nunca foi consenso. Simone de Beauvoir, em sua aclamada obra *O Segundo Sexo* (1949), se contrapõe à tradição e esclarece que "nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino". Traduzindo: ninguém nasce mulher: torna-se mulher. E, ao que parece, a história (e também os mitos) corrobora sua tese.

O dia 8 de março, em que 129 operárias morreram queimadas numa fábrica por reivindicar a redução da jornada de trabalho, diz muito sobre a luta das mulheres de todos os lugares e tempos

No Talmud (livro sagrado hebreu), Lilith — primeira mulher de Adão — rebela-se contra a submissão que lhe era imposta (inclusive no coito) e prefere viver no exílio.

Hipátia de Alexandria (351/370), considerada a primeira matemática da história, foi morta e lançada às chamas pelos cristãos da localidade. Com o passar do tempo, isso se tornou muito comum.

Cristina de Pisan (1363/1430), poetisa e filósofa italiana, era conhecida por criticar a misoginia presente no meio literário e por defender o papel das mulheres na sociedade. Foi a primeira escritora a viver do seu trabalho. Sua última obra, *Ditié de Jeanne d'Arc*, celebrava o aparecimento de uma líder militar feminina — Joana d'Arc, outra que foi para a fogueira — que, segundo ela, recompensava todos os esforços das mulheres na defesa do seu sexo.

Este espaço é pequeno para elencar tantas que ousaram e se insubordinaram a um sistema de opressão que até hoje insiste em relegar a participação das mulheres: Dandaras, Chiquinhas, Quitérias, Anitas, Fridas, Tarsilas, Nises, Olgas, Rosas, Zildas, Doroths, Marielles, Marias...

Creio que a simbologia do dia 8 de março, em que 129 operárias morreram queimadas numa ação policial numa fábrica têxtil porque reivindicaram a redução da jornada de trabalho e o direito à licença-maternidade, diz muito sobre a luta de todas as mulheres de todos os lugares e tempos. Não é uma "goiabeira" qualquer que vai impor que devemos vestir rosa e sermos princesas. Usaremos todas as paletas de cores do universo e seremos o que quisermos ser!

Sociologia

Quando se atiçam incontáveis vozes sob o discurso de se governar e pautar todas as ações de Estado sem ideologia, há nítida manipulação: não há pensamento ou ação humana sem ideologia

A IDEOLOGIA DE UM PALHAÇO

ZÉ RENATO

Em tempos de rosa e azul, goiabeiras, mestrados bíblicos, Paulo Freire comunista, "cidadões", laranjas e afins, vale ressaltar o uso equivocado do conceito de "ideologia".

Destutt-Tracy, aristocrata e iluminista francês do século XVIII, cunhou o termo, no sentido de apresentá-lo como uma espécie de "mãe de todas as ciências". Ideologia seria um saber que traria consigo o cerne de todas as ideias.

Todavia, essa conceituação apresenta-se por demais vazia. Se nos ativermos à definição semântica: "logia" de *logos* — do grego —, "razão", "palavra", "estudo" e "lógica". Portanto, "estudo das ideias". Quais? Todas ou nenhuma.

Recordo-me de uma charge publicada pelo genial Glauco: no primeiro quadro, um casal abastado, em sua mansão, com uma enorme televisão ligada, na qual um político dizia: "Povo Brasileiro!". No segundo, uma família de trabalhadores, amontoada num sofá, uma sala bem simples, sem lustre, a geladeira no mesmo ambiente, um pinguim dando o tom *kitsch*, uma televisão bem menor, na qual o político bradava: "Povo Brasileiro!". Por fim, no último, uma multidão aglomerada em frente a uma loja — esses não tinham casa, que dirá televisão —, diante de um pequeno aparelho, no qual o mesmo político vociferava: "Povo Brasileiro!".

A tragicomédia reside em: com quem fala o político? Com qual classe social? Suas ações e intencionalidades são as mesmas para todas as classes? Somos todos iguais? Há igualdade social, econômica e política? Medidas econômicas têm o mesmo impacto para todos os extratos sociais? Governa-se indistintamente para todos os brasileiros? Somos todos iguais perante a lei?

Quem é o povo brasileiro?

É possível entendermos o conceito de povo como o conjunto de pessoas que falam a mesma língua, possuem hábitos, costumes, saberes e fazeres iguais e são unidos pela mesma língua?

É possível pensarmos povo como as camadas mais baixas da sociedade?

É aceitável entendermos que, quando se diz "nós, o povo", se pretenda estabelecer uma igualdade, uma harmonia que inexiste?

É aceitável que entendamos que muitos sem escrúpulos queiram utilizar um discurso com essa intenção, a fim de escamotear a realidade?

Todas essas inferências são possíveis.

A professora doutora em Filosofia Marilena Chauí publicou um opúsculo, há mais de trinta anos, chamado *O que é Ideologia?*, pela Editora Brasiliense, que se transformou num grande êxito. Resumidamente, a filósofa nos mostra que o propósito da ideologia é, a partir de um discurso vazio e lacunar, apresentar supostas verdades, sem que se tenha condições de refleti-las, aferir sua veracidade criticamente, que apenas as aceitemos. Por exemplo: numa propaganda governamental, mostra-se uma suposta escola pública, linda — pintada, bem mobiliada, limpa —, com crianças felizes e sorridentes; uma bela refeição; professores felizes e pacientes. Tudo impecável. Uma voz ao fundo diz: "A educação é um direito de todos."

Isso entra na psique das pessoas, de forma inconsciente, que passam a reproduzir essa "assertiva" como verdadeira e real.

Cabe perguntarmos: isso ocorre? A escola pública é assim? A escolas de ricos e pobres são iguais? A formação voltada para os ricos é a mesma destinada aos pobres?

Há ainda outra forma de se pensar o conceito de ideologia. Quando se pergunta: qual a ideologia desse livro? Está a se perguntar qual seu conteúdo, as ideias vinculadas à obra. Talvez: há algum conteúdo político partidário no livro?

Outra forma: qual a ideologia desse autor? O que pensa, o que defende esse autor? Como concebe o mundo? São questões pertinentes ao fazer-se uso do conceito de ideologia.

Ao compor e cantar a canção *Ideologia*, Cazuza dizia: "Ideologia, quero uma pra viver". Seu intento era afirmar: quero convicções políticas, éticas e estéticas, com as quais pautarei minhas ações.

Dito isso, perguntamos: é possível que vivamos sem ideologia?

Existe algo ou alguém que possa existir e conviver com seus semelhantes, sem nenhuma opinião?

É concebível pensarmos numa opinião "neutra"?

Como expor determinada situação ou ocorrência sem um ponto vista ou ideologia?

Será que a história do "descobrimento" do Brasil, contada por um português, é a mesma versão do chamado índio?

A Segunda Guerra Mundial é mostrada pela mesma ótica por um norte-americano e um nazista?

Sempre há uma "contaminação" do olhar, de acordo com a ideologia.

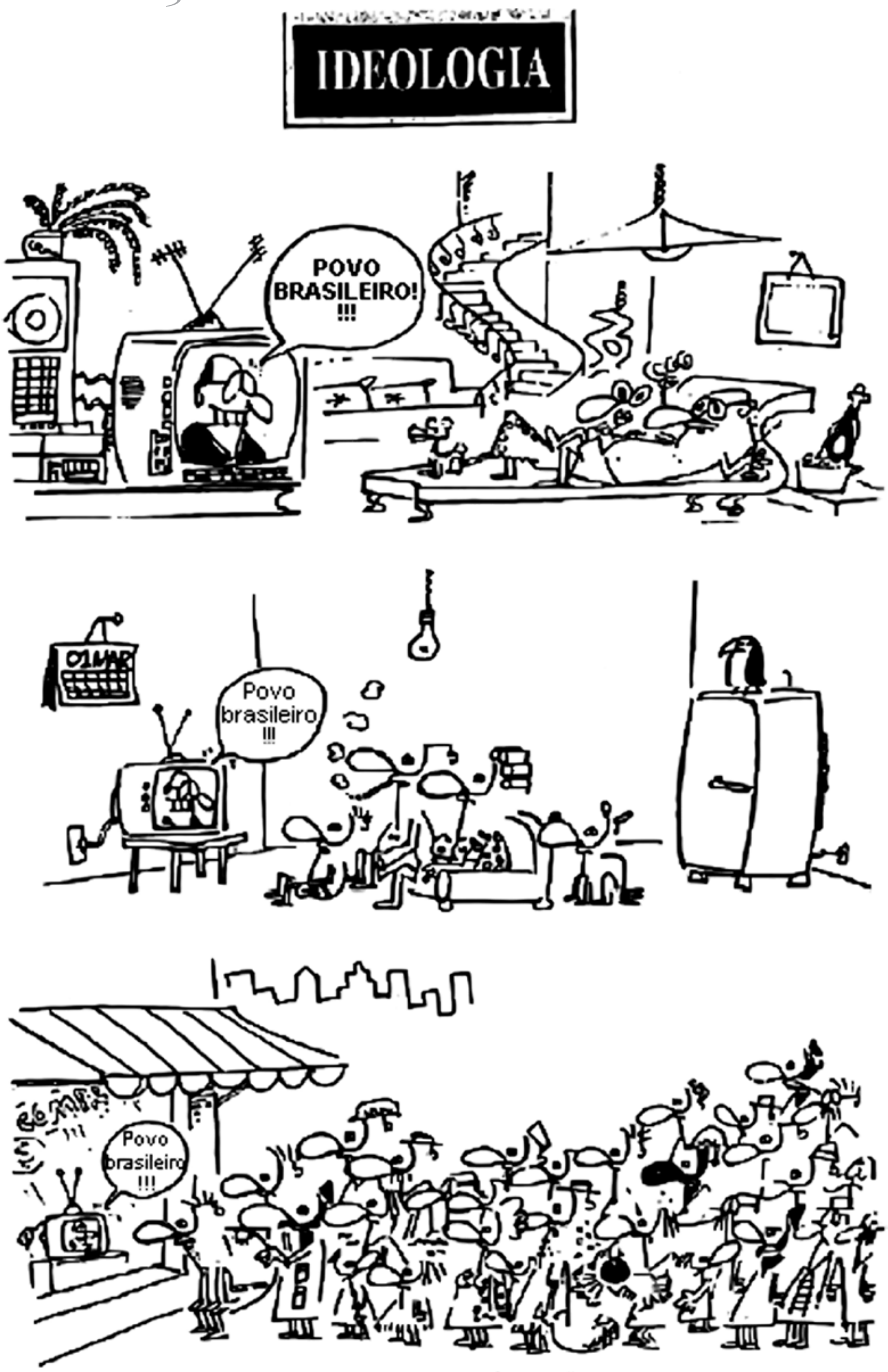
Dizer não tê-la é a mesma coisa que afirmar que se pode viver sem oxigênio.

Pior: quando se exige que se trate de algum tema, faça alguma exposição, sem ideologia, é igual a se cobrar que se fale sem emitir opinião, sem apresentar uma ideia. Uma ação mecânica e anti-humana.

Não é possível tratar qualquer coisa sem criticidade. Aliás, se o fizer, já será ideológico, na medida em que estará expressando e a defender a omissão.

Somente um ser desprovido de qualquer ideia, preparo intelectual, capacidade mínima de uso de neurônios, pode ordenar que se fale sem ideologia.

A não ser que seja um palhaço.



GLAUCO. *Abobrinhas da Brasilônia*. São Paulo: Circo Editorial, 1985.

Somente um ser desprovido de qualquer ideia, preparo intelectual, capacidade mínima de uso de neurônios, pode ordenar que se fale sem ideologia